

Campos corteja; Nelson confia na fama

RITAMARIA PEREIRA

Estimulado por um grupo de velhos companheiros, o senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ), 78 anos de idade, está disposto a quebrar a tradição do Senado e, se amanhã perder na bancada de seu partido a indicação para a presidência da Casa, vai disputar outra vez com Alfredo Campos (PMDB-MG), 46 anos, no plenário. O cargo de presidente do Senado, pela praxe vigente, sempre cabe ao partido majoritário, no caso, o PMDB. É costume depois o escolhido na bancada ter apenas seu nome sacramentado pelos demais partidos.

Nelson Carneiro, mais uma vez, tentará ocupar a presidência do Senado. Há dois anos perdeu a indicação para o senador Humberto Lucena, que fez uma campanha eleitoral à base do corpo-a-corpo, enquanto o senador carioca adotou a mesma postura de agora: confiar na palavra empenhada dos demais peemedebistas, já que considera os eleitores membros de um colégio privilegiado, no qual todos se conhecem e têm suas convicções. Tanto assim que só retornou ao Brasil na sexta-feira, procedente de Costa Rica.

Já Alfredo Campos está em campanha, mandando telegramas, enviando cartas e fazendo ligações a cada um dos senadores. Não perde nenhuma cerimônia capaz de lhe dar a oportunidade de demonstrar interesse pelos assuntos da Casa, além de manter contatos frequentes com todos os demais partidos, antevendo a possibilidade do adversário realmente quebrar a tradição, deixar de lado um possível resultado negativo dentro da bancada e disputar novamente no plenário.

Alfredo Campos promete uma administração coerente, voltada para o momento atual do Congresso, com seus novos poderes constitucionais. Discorda de algumas normas impostas pela mesa, como a obrigatoriedade de assinar ponto, mesmo para os funcionários lotados em gabinetes: "quem bate ponto é macaco". E deseja formar uma chapa o mais homogênea possível, para que depois não se verifiquem problemas como o da divisão de opiniões no colegiado, que emperram as decisões.

Campos tem uma desvantagem:

há algum tempo recebeu apoio formal do presidente José Sarney, algo que poderá prejudicá-lo dentro do PMDB e até com os demais partidos. É que há muito tempo um presidente da República não é tão evidentemente minoritário no Senado.

Na medida em que o nome de Campos se liga ao de Sarney, ele terá dificuldades. Mesmo assim, não renega a sua proximidade do Governo.

Nelson Carneiro, contudo, se não está debaixo do mesmo fogo cruzado, tem que explicar a muitos companheiros as razões pelas quais licenciou-se da presidência do PMDB no Rio de Janeiro e foi apoiar os candidatos do PSDB nas eleições municipais de novembro último. Todos sabem que era por causa da filha, Laura Carneiro, afinal eleita vereadora. Ele, porém, considera intriga a suspeita de alguns peemedebistas, para os quais receberá agora a contrapartida dos tucanos, apoiando seu nome numa eventual disputa em plenário. E com acordo firmado para ser eleito, mudar-se para nova legenda, como já fez em outras ocasiões.

O senador carioca, ao contrário do mineiro, não pretende formar uma chapa completa para a comissão diretora. Vai se apresentar sozinho, deixando que os demais partidos decidam internamente, em suas bancadas, quem vai representá-los naquele colegiado. E também não fez uma plataforma para sua administração.

Quanto à disposição de ir ao plenário, justifica que os fatos sempre se ligam à ocasião em que se verificam. Da vez passada, acatou a decisão da bancada, então quase toda de novos senadores que não o conheciam bem. Também foi aconselhado a se apresentar como candidato avulso no plenário, mas desistiu. Agora, seus planos são diferentes e há disposição de brigar pela presidência do Senado, certo de que para isso nem precisa fazer campanha ou pedir votos insistentemente, basta concorrer com seu passado e história.

Nenhum dos dois candidatos tem apoio explícito do presidente do PMDB. Mas em relação aos dirigentes partidários no Senado dividiram-se as opiniões. Alfredo Campos tem consigo o presidente Humberto Lu-

cena, com experiência na disputa do cargo e inclusive conhecendo os pontos vulneráveis do adversário. Nelson Carneiro conta com o líder da bancada, Ronan Tito, que apregoa sua vitória.

Para isso, Tito informa que fez um diagnóstico preliminar na bancada e constatou que Nelson Carneiro vencerá de 20 a 14. Alfredo Campos duvida desses números, externando nas entrelinhas uma animosidade embutida na falta de apoio à sua candidatura por parte do líder do PMDB: ambos são candidatos à sucessão em Minas. Segundo Campos, ele dispõe do compromisso de mais da metade da bancada, hoje com 35 senadores, como mostrará no dia da eleição interna e, se for o caso, também no plenário.

DUAS ELEIÇÕES

Além da escolha do candidato a presidente do Senado, a bancada do PMDB vai eleger amanhã seu novo líder. Desta vez estarão disputando Ronan Tito e Humberto Lucena, este com nitida desvantagem. E que ele conseguiu irritar expressiva parcela do partido ao acolher, durante sessão do Congresso, um recurso do líder do Governo, Saldanha Derzi, contra a decisão do presidente interino da Casa, José Ignácio, que devolveu a medida provisória 33 (das demissões no funcionalismo) ao Palácio do Planalto.

Lucena foi procurado dois dias antes por emissários designados numa reunião que acontecia na casa do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, cuja missão era sensibilizá-lo para evitar o confronto desnecessário entre o PMDB e o Governo, não acolhendo o recurso governista. E que, como acabou acontecendo, o presidente, ao conhecer o recurso, mandou ouvir a Comissão de Justiça, sendo obrigatória agora a votação em plenário. A tendência é que deputados e senadores mantenham o que José Ignácio decidiu, numa postura desgastante para o Legislativo. Depois, Lucena também não atendeu às argumentações do PMDB e designou como relator do pacote das medidas nº 32 um deputado do PFL, preterindo os que dentro do seu partido reivindicavam o lugar. Com isso, selou sua sorte por antecipação.